

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — Nova Typographia de Paula Brito — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a côrte, e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados, e tambem na praça da Constituição n. 64. Ns. avulsos, 100 rs.

A MARMOTA.

AVISO

Os snrs. subscriptores, tanto da côrte como de fóra, são rogados a mandar reformar suas assignaturas da MARMOTA, pagas adiantadas, até o dia 15 de julho, isto no caso de quererem continuar a recebê-la sem interrupção.

A ALMA DO VIOLINO.

Entre os sítios que o Tyrol mostra com altivez, quer em seus vallados férteis, quer sobre as encostas de suas montanhas escarpadas, não ha nem uma que tenha mais poesia, onorgia e ardor que a do Zillertal. Este bello torrão é o jardim do Tyrol, é a região feliz onde a vinha se ostenta serpeando em festões e formando compridas alamedas, onde diante de qualquer posta se arredonda o zimbório espesso da nogueira ou do castanheiro, é o departamento que se honra de sua cidade de Zell, conhecida pela festa que ao seu patrono se faz pomposamente todos os annos.

POLÉPTIM.

D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo colonial

PELA INDIGENA DO YPIRANGA.

(Principiou no n. 942.)

IX.

Alto já ia o dia que succedeu a esta terrível noite. Uma cova se abria no fundo da gruta da *Ilha de Mel*, ao pé mesmo da pedra em que na vespera estiveram assentados os dous jovens para recolher os dous entes que tanto se haviam amado na vida, o tão desgraçado fim tiveram!.. Só uma mãe podia praticar tão piedoso quão doloroso cuidado!..

—Elles ao menos não serão desunidos depois da morte!.. dizia a pobre Iphigenia enterrando os entes que ella no mundo mais havia amado!..

O dia desta festa tinha trazido como era de costume um grande concurso de povo, que de toda a parte vinha para ali entregar-se aos innocentes folguedos, ás danças, aos cantos. Pôde-se dizer que as aldeias vizinhas ficaram desertas; toda a mocidade de Inspruck ostentava-se primando em tudo. Se alguém reparasse em cada um dos individuos para descrevel-os, não o poderia fazer pela grande diversidade de caracteres e trajos. Aqui, o rico burguez com as mãos no bolso de sua blusa, caminhando em ar de importancia; o estudante travesso com o seu gorro á banda, misturando-se entre as jovens gentis; o official de branco uniforme de sentinella á sua amante alli; o pastor em vestes domingueiras; os aventureiros caçadores com o chapéo a tres pancadas e ornado de fitas; a salaio engraçada, vestida de camisola branca e uma saia de azul ferrete, um lençinho escuro ao collo e chapéo de homem á cabeça. Os hurrahs se cruzavam. Detraz dos immensos rochedos de cumes aveludados e minados de ferro partiam estribilhos com sons agudos, os quaes, trazidos pelos ecos das montanhas, despartavam os vitros que ali exactamente respondiam.

O povo se agrupava na praça principal de Zell, toda arbiada e coberta de verdura: as phrases vivas e ternas, alegres e sonoras, ali se trocavam. Uma orchestra, composta dos melhores musicos do paiz, preludiava accordes faceiros e sentimentaes que faziam voltar as graciosas cabeças dos pares infatigáveis que dançavam.

De repente vin-se entre os musicos uma

Cobri-os de terra. Quando seus rostos desapareceram totalmente debaixo do chão, e que ella plantou uma toska cruz de pau, unico distico d'esse rustico tumulo, a infeliz mãe não pôde resistir á tanta dôr, e cahio doente. Longa foi a sua enfermidade; mas nunca mais sahio dali; fez sua morada no mesmo lugar em que seus dous filhos estavam sepultados!..

CONCLUSÃO.

D. Martim de Villar morreu de uma molestia desconhecida. Um verme que se criou no nariz d'esse ambicioso, semelhante a um d'esses que se reproduzem nas arvores, o matou cheio de soffrimentos e remorsos, indo em romaria a Ignape implorar ao milagroso *Senhor Bom Jesus d' Aparecida*.

Dous annos de soffrimentos horriveis e dia por dia depois da noite fatal de assassinatos, lhe fizeram entrar o arrependimento no coração, de sorte que fez muitos legados de sua immensa riqueza, e a igreja matriz da villa de Guaratuba é um d'esses legados.

Seu irmão, D. José de Villar, foi acom-

especie de agitação. O principal delles, o primeiro violino acabava de receber a noticia que seu filho achava-se perigosamente enfermo em Holl. Este pobre homem, esforçando-se por conter as lagrimas que borbulhavam nos olhos, exclamou:

—Poderei eu chegar a tempo de o salvar? E sem mesmo lembrar-se de guardar a rabeca na caixa, desceu precipitadamente do coreto e logo desapareceu atravez da multidão, que se afastava respeitosaente diante d'elle.

A orchestra calou-se; uma certa emoção pairava por sobre a assembléa. Entretanto a alguns passos do coreto, via-se sobre um tamborete um moço de quinze annos, pouco mais ou menos, e uma velha camponeza em pé a seu lado. Este moço, de uma constituição fragil e delicada, trazia sob seus cabellos louros que lhe cahiam em aneis sobre seu bello rosto pallido e de um oval alongado, o caracter particular dos seres distinctos que revelam o fogo interior do genio. Até então quasi indifferente ao espectáculo de uma ruidosa festa que se agitava junto a si, se conservava em uma immobillidade contemplativa; porém depois do acontecimento que acabamos de relatar havia apresentado certa animação que não lhe era habitual, e mesmo som especificar ou talvez sem explicar sua intenção, tinha-se levantado como por um sobresalto, quando a velha camponeza o deteve, dizendo:

—O que tens, Leopoldosinho? não estais bem aqui?

—Minha mãe, respondeu o moço com

mettido de melancolia. Em um dia viram-no deixar a casa taciturno e pallido, e nunca mais a ella voltou. Morreu frade n'um convento de franciscanos, em Braga.

Restava o do meio, o Sr. D. Luiz, unico representante dessa grande e nobre casa dos Villares.

Um ataque apopletico o poz em risco de vida tres mezes depois da morte do primogenito. Quando esperavam que sua saúde ia restabelecer-se, foi atacado de alienação, de sorte que corria furioso para o interior dos matos virgens, declarando guerra desahrida aos macacos que apanhava e eria haverem-lhe roubado seu filho.

Uma noite, depois de uma medonha tempestade foram-u'o procurar com archotes nos matos virgens que ficam a leste da *Ponta Grossa*, e depois de muito trabalho o encontraram morto, inteiramente desfigurado, com o corpo cheio de dentadas de animaes.

Não se soube se na realidade querendo dar um assalto aos traquines saltimbancos dos bosques estes o atacaram deveras e vingaram com suas ardeiras unhas, e seus den-

doce vivacidade, não podeis duvidar do que se passa em mim.

—Por todos os santos, meu filho, nunca me pareceste tão agitado, mesmo nos dias em que eu cuidava da tua grande fraqueza e combatia a febre que te devorava. Ah! tens me pago muito mal, a mim, pobre viúva, que te recolhi em minha choupana, logo depois da morte da vizinha Catharina Pfoffer, tão minha amiga.

—Eu não me tenho esquecido de vossos benefícios, Schwartz, e ousou dizer-vos que sempre me hei esforçado por me mostrar digno delles.

—Ora muito bem; mas tu não tens amor ao trabalho dos campos, e te aborreces de guardar nossas cabras... O Sr. Leopoldo prefere a rabeça ao cabo do arado, e nunca está satisfeito senão quando empunha o arco e de seu instrumento tira alguns sons... Bella occupação para um homem!

—Minha boa mãe assim me torturais e fazeis que nada mais vos diga do que se passa em minha alma.

—Dizo sempre, balbuciou a boa mulher, acclamando-se á vista da expressão de desgosto que se mostrava nos traços do semblante de seu filho adoptivo.

—Vamos, vamos, diz um homem gordo e de rosto rochonebudo, o estalajadeiro Frickmann que tinha o seu estabelecimento em frente da casa da viúva; vamos, de que se trata? Tendes-me ares de quem está em outra parte que não seja n'uma festa, vizinha.

(Continúa).

TRAD. POR D. FIRMINA.

E's tu!

Perguntas-te-me quem era
A que inspira os versos meus,
Quem m'os inspira é um anjo
Mandado á terra por Deos!

A que dá vida a meus cantos,
Se é que vida elles tem,
E' a mulher que os meus sonhos
Sempre, sempre dourar vem.

tes miúdos e aguçados, como pontas de lanças, a desgraçada mãe de Leonardo.

Só a Iphigenia Deos aguardou a sua vellice para dar-lhe a consolação que mereciam suas penas. Um dia que estava, como de costume, á porta da gruta, olhando a pequena esseada da ilha que já conhecemos, repassando na memoria penosos pensamentos que lhe revolviavam n'alma recordações pungentes, foi vista por um homem que commandava um grande navio, o qual perdendo-se no mar perseguido por grandes tempestades, fizera voto á Virgem do desposar a primeira mulher que encontrasse em terra avistada (1). E a sorte designou a infeliz filha da tribo Tuppy.

A principio alguma resistencia encontrou o penitente da parte da pretendida, mas por fim, cedendo a um pensamento todo religioso, consentio em unir seu destino ao estrangeiro, bem persuadida que recusando ao cumprimento do devoto, desobediencia ás ordens do céo que a tinha escolhido para esse piedoso fim.

(1) Historico.

Olha: aquella que em amo
E' bella como bello é o sol,
Seu peito do amor é o cofre,
Seus olhos do amor o pharol.

E' de cor morena o anjo
Que tu buscas conhecer;
Repara bem que a ti mesma
Nestes versos has de te ver.

Junho—1858.

M. A. Calazans Peixoto. ✓

TARDES DE UM PINTOR

OU

INTRIGAS DE UM JESUITA

(Principiou no n. 821, de 13 de Fevereiro de 1857, e foi suspensa no n. 823, de 20 do mesmo mez e anno. Acabou o 1.º vol. no n. 924).

Volume III.

(Principiou no n. 947.)

De feito, Ligeiro tomou o papel, dobrou-o, como quem era mestre na materia, e começou a escrever: escreveu, encheu quasi as quatro paginas do papel, e depois leu a petição. Requeria pois elle para que os moradores daquello lugar não pagassem a taxa por injusta: allegava muito na petição; allegava, como um letrado; e citava leis como um juiz. Depois fallava contra os jesuitas, como um paulista daquelle tempo: enfim, Ligeiro encheu de admiração ao auditorio, que o cobria de bençãos. Feita a leitura da petição, que todos julgaram boa, como as cousas boas, assignaram todos, Ligeiro dobrou-a, e metteu-a em sua algebeira. Então um dos tropeiros lhe perguntou:

—E estes papeis, que vão para o governador dando veim?

—Do Lisboa.

—E a que respeito são?

Casou-se, pois, com o capitão e douo da galera D. João I., e não teve senão que agradecer a Deos por esse consorcio, pois seu marido foi bem diferente dos brancos que ella havia conhecido antes (não era fidalgo). E' della que descende a illustre familia dos F... da provincia de S. Paulo.

EPILOGO.

Quando a noite está escura, e cube o vento noroeste, vê-se dous vultos brancos como a neve, atravessarem o mar, vindos da *Ilha de Mel á Ponta Grossa*; e irem costeando até a *Ponte da Pedreira*. Dalli se transformam em duas pombas brancas, e voadoras pelo mesmo caminho que vieram; porém então são perseguidos por tres corvos que procuram agarral-as com seus bicos bedondos, granando horrivelmente: chegando bem no meio do mar, os corvos se transformam em *Meninas queimadas*, e lançam gritos tão agudos que fazem acordar as crianças em seus berços, illuminando todo o mar com o clarão de seus caudos inflamadas.

—Não se sabe de certo... mas pela boca pequena...

—Podeis dizer: nós somos de segredo.

—Pois eu vos digo... mas muito segredo...

—Não tenhais receio.

—Podeis fallar.

—Pois eu vos digo. O rei ficou agastado contra os padres da Companhia por causa de terem elles levantado os indios contra os engenheiros que vinham demarcar as nossas terras e as de Hespanha; dizia-se (aqui entre nós que ninguém nos ouve), é verdade que o rei manda ordem ao governador para prender todos os padres da Companhia, e remettel-os para Lisboa...

—Muito bem feito.

—Que bom rei!

—A bençoado seja elle!

—Deos lhe dê saudo...

—Mas não falleis cousa alguma a esse respeito.

—Oh! não tenhais duvida.

—Precisais vós do alguma cousa para vossa viagem?

—Não: já vol-o disse.

—Nem de quem vos acompanhe?

—Não; não é preciso.

Pouco tempo depois desfez-se a companhia e os diversos personagens, que aqui se achavam procuraram camas, e repouso até o seguinte dia.

Eu creio bem que os leitores dão com o motivo desta caçada de Ligeiro. Com effeito, como algum leitor poderá não perceber o loga, passo a explicita-la. Ligeiro era extremamente ambicioso, mas não era muito valente. Sua tenção era ahí com algumas dobras contratar algum sujeito para andar com elle. Vendo-se elle na tasca de que fallei, trazendo trinta dobras, que para elle e para muitos daquelle tempo, era muito dinheiro, achando-se cercado de homens que não conhecia, os tres tropeiros e negociantes de animaes, teve alguns receios: fertil em intrigas, improvisou as mentiras que ouvimos, com o fim de insinuar-se nos interesses destes homens, o que effectivamente conseguiu. Além de que dado até que entre estes homens houvesse algum malvado, pararia respeitoso e até tímido diante de um correio que ia mandado ao governador.

Chegando á *Ilha de Mel* tudo desaparece. E' LEONARDO e D. NANCISA DE VILLAN que vêm do céo fazer a sua peregrinação na terra onde tanto soffreram: os corvos, são os orgulhosos irmãos da santa martyr que estão no inferno todos tres.

Mãe Michaella finalizou assim a sua historia, não sem derramar muitas lagrimas, que ainda lhe arrancava a triste recordação da infeliz D. Narcisa de Villar; tambem todos quantos a ouviram estavam commovidos porque esta tocante narração tinha muito interessado aos circumstantes.

Quanto a mim, não dormi em toda a noite pensando sómente no fim desgraçado da nobre moça portuguez, cuja imagem acompanhou-me por muitos dias ainda; e de tal modo guardei na memoria este exemplo funesto das paixões, que tendo-se passado tantos annos, desde então o tenho tão presente na lembrança que ainda agora o escrevi fielmente.



Pela madrugada levantaram-se os tropeiros, tomaram seus animais, e puzeram-se a caminho. Ligeiro dispoz-se a partir mais tarde. Mandou dar de comer aos seus animais, isto é, ao burro de carga, e um cavallo que ahí lhe deram, com uns usados arreios, que elle quiz comprar, mas o dono não quiz por isto cousa alguma, apesar das manhosas instancias do Ligeiro para que o tal dono recebesse o dinheiro.

Ligeiro pediu almoço. Estava elle no fim de sua refeição, quando entra um homem alto, meio gordo, caboclo e bastante queimado, vestido de camisa e calça de algodão grosso, coberto por androioso poncho, e com um grande chapéu de palha na cabeça.

Este novo personagem era feio, mal encarado e de aspecto repugnante; trazia elle nos pés um bom par de chilenas (grandes esporas de ferro assim chamadas), um cinto com um jogo de pistolas, uma comprida faca e uma espingarda. Ligeiro não julgou esta vista muito encantadora, e por isso não ficou muito contente. O nosso recém-chegado tomou assento perto do Ligeiro, e disse com máo humor:

— Ora, isto só pelo diabo. . .

— Então o que tens, camarada? disse o dono da casa.

— Morreu-me o animal em caminho e estou a pé.

— E d'onde vinheis? para onde ieis?

— Não sei d'onde venho, nem para onde vou.

— Essa é boal

— Montei no meu burro sem destino, a ver se ahí pelo caminho encontrava alguma tropa para eu ser peão della; ou alguma mascate que precisasse de algum companheiro.

— Homem, aconselho-vos que vades para Missões com esse moço que ahí está; lá talvez acheis o que fazer.

— E quem é este moço?

O dono da casa explicou ao nosso peão quem era o moço. Já se vê que era o correio, que ia com cartas e outros papeis para o governador. Em seguida contou-lhe as novidades a respeito da nova taxa: deu-lhe noticia da petição, e como o moço correio se havia encarregado della.

O nosso peão, como era de esperar, tomou logo o partido dos tropeiros, e offereceu-se a Ligeiro para o acompanhar.

Ligeiro, que não deixava de precisar de um companheiro, rosnou lá consigo: «Póde ser que seja este o homem de quem eu preciso». Convém explicar aqui a intenção delle.

Ligeiro, fiado em que no exercito ninguém o conhecia, e nem o mesmo Julianno (no que se enganava), pretendia tomar por lá a seu serviço algum homem capaz para seus fins, e em quanto elle pelo exercito vendia cigarros, fumo em folha, tabaco, etc., o seu companheiro deveria effectuar o assassino na pessoa de Julianno. Por isso Ligeiro não duvidou aceitar a companhia do peão. Antes, porém, em uma occasião que teve, tomou á parte o dono da casa e pediu-lhe algumas informações sobre o peão. Segundo as informações que obteve não havia melhor homem que o tal amansador de burros. Com effeito Ligeiro tomou-o a seu serviço, e em quanto ao salario disse elle que lhe desse o que lhe parecesse. Ligeiro era velhaquete; o peão era esperto, qual delles lograria o outro? Como Ligeiro dese-

java fazer esta viagem no menor tempo possível, seu companheiro não podia ir a pé; acontecendo, porém, ter o dono da casa um burro e não duvidando vendel-o, e como não quizasse muito dinheiro por elle, comprou-o Ligeiro a partido elle com seu companheiro para Missões.

Sem incidente algum notavel chegaram ao lugar de seu destino, e Ligeiro, segundo o seu plano, começou a fazer o seu negocio com os soldados e lá fez elle camaradagem com um, e d'elle soube quanto quiz. Ligeiro teve o cuidado de dizer a todos que se chamava Albino, e que era filho de S. Paulo. Tendo disposto em fim tudo para seu crime, no segundo dia em que o exercito descançava, depois da victoria, como já sabemos, pois que elle lá chegara no primeiro dia depois da batalha, veio Ligeiro ter com o seu companheiro, com ar que revelava muita furia, o muita indignação, e assentando-se no chão, como um homem que se abandonava á uma intensa dor, exclamou:

— Com trezentos diabos!

— Então que foi, meu amo? perguntou-lhe o companheiro.

— Um atrevido, que me fez uma desfeita. . .

— Deveras?! . . .

— Se eu tivesse lá uma pistola. . .

— Mas o que não se faz em dia de Santa Luzia se faz n'outro dia.

— Aquelle atrevido. . .

— Querois vós dar-lhe uma lição?

— Quem me dá.

— Pois me mostrai o homem, que eu vos prometto que elle não hade fazer outra.

— Eu tinha um meio de o fazer vir aqui.

— Então?

— Esperai, melhor é sellarmos primeiro os nossos cavallos.

— Pois sellemos

— Mas o burro das canastras?

— Deixai que tambem hade ir.

(Continúa)

ANECDOTAS.

Boa recompensa.

Fraderico, o Grande, se entretinha algumas vezes em conversar com o criado que velava junto á sua cabeceira.

Eis uma das conversações que teve em sua molestia:

— Que horas são?

— Meia noite.

— Ah! não posso dormir; conta-me alguma cousa.

— Que poderia eu contar a V. M., se sou um pobre ignorante? em nada sei.

— Donde és natural?

— Da villa da Baixa-Pomerania.

— Tens ainda pai e mãe?

— Tenho sómente mãe e bem velha.

— De que vives?

— De fiar.

— Quanto ganha por dia?

— Oito soldos.

— Não deve estar muito contento com isso; é muito pouco.

— No meu paiz vivo-se bem.

— E mandas-lhe ás vezes alguma cousa?

— Sim, senhor, alguns escudos, quando posso.

— Fazes bem; és um bello rapaz. Tens tido comigo muito trabalho, mas tem paciencia. Dar-te-hei alguma cousa se for discreto.

Dias depois voltando á conversação com o pomeraniano, o rei lhe disse:— Vai áquella janella que no parapeito encontrarás alguma cousa para ti. Havia nesse lugar trinta luizes de ouro. O pomeraniano não podendo crer que tão grande somma lhe fosse destinada, tirou apenas 5 e abrindo a mão para mostrar no rei exclamou: Eis quanto tomei:— Não, disse o rei, toma tudo isso que te pertence, o não precisas mandar nada a tua mãe que eu já tive esse cuidado. O hom do criado tratou de informar que quantia fora enviada a sua mãe, e quasi morreo de alegria quando soube que o rei lhe concedera a pensão de 100 escudos.

— Um rei indo com sua esposa visitar a fabrica de Gobelin, foram no caminho suas carruagens cercadas de um povo immenso que expandia uma viva alegria e entusiasticamente os felicitava, exclamou: « E' um bom povo quando delle carecemos! »

Um velho que se achava perto perguntou-lhe: E quando não se precisa delle, o que é?

TRAD. POR B. C.

AFFEIÇÃO

OFFERECIDA AO MEU SINCERO AMIGO,
O SR.

VIC'OR AUGUSTO MONTEIRO SALGADO.

Eu amo o céu de mil estrellas bordado
Quando a tua passeio mui serena a brilhar,
Eu amo os encantos d'um sonho encantado
Que ás vezes na mente se leva a seismar.

Eu amo a aurora que vem despontando
N'um céu formoso de formoso rubim,
Amo as aguas que se vão deslizando,
Deixando em meu peito delicias sem fim.

Eu amo o sol no horizonte fulgindo
C'os seus raios de ouro formoso a luzir,
Eu amo o dia que vai se sumindo
P'ra outro bonispherio se pondo a seguir.

Eu amo as bellezas d'uma fresca manhã
Perolas d'orvalho na flôr derramando,
Graciosa a sorrir a flôr da romã
Bellezas que vão a alma encantando.

Eu amo dos prados as flôres mimosas
Que do caule derramam doce ambrosia,
Amo as boninas e os lyrios e rosas
E todas as flôres que têm alegria.

Eu amo a rolinha que vive soltando
Continuos gemidos, gemidos de dôr,
Eu amo os passaros que vivem cantando
Mui lindas cantigas, cantigas de amor.

Eu amo a donzella... pura e innocente
Que um leve gracejo lhe offende o pudôr,
Eu amo o sentir que n'alma ella sente
Eu amo seus olhos que só dizem—candôr.

Eu amo as delicias da pura amizade
Que fazem o peito de gozo pulsar,
Eu amo o joven que na flôr de sua idade
Amor á sciencia sabe n'alma asyлар.

Eu amo os encantos que existem na terra
Que attestam de Deos a summa bondade,
Eu amo a belleza... que n'ella se encerra,
E tudo que falla em Deos. liberdade!!!

S. Paulo, 6 de Junho de 1858.

Antonio Manoel dos Reis.

O baile.

Quando aquiereste comigo
A « Varsoviana » — a dançar,
Não olhaste p'ra meu rosto?
Não sentiste o meu corar?

Não notaste nos meus olhos
Uma faisca de amor?
Não sentiste, ao dar-te o braço,
No meu corpo um vão tremor?

Se sentiste, bella amada,
O que teu — sim — me causou,
Sentiras o quanto grato
O meu peito te ficou.

Quando na dança embeledado
Te apertei com mór ternura,
Quizera dar-te um abraço,
Apertar tua cintura!

Meu coração palpitava
Quasi, quasi unido ao teu;
O mais feliz nessa hora
Quem seria senão eu?

Não notaste um sobresalto
Que tive ao olhar p'ra ti?
Por não cumprir um desejo...
Ness'hora quasi morri!..

Nos meus braços enlaçada
Eu tentei furtar-te um beijo!..
Mas... oh céos!.. vi tantos olhos...
Não cumpriu-se o meu desejo!..

Debalde quiz confessar-te
Meu amor, meu pensamento,
A palavra não sabia...
Tudo em mim era tormento!

De dançar o fim foi dado...
A musica não mais tocou;
Com ella fugiu-me a dita,
O prazer se evaporou.

M. A. Calazans Peixoto

A' formosa Mathildes.

Tens em ti tanta belleza
E singelleza
Que vences da rosa o candor,
E's tão formosa e louça
Que a manhã
Exceedes em seu albor.

Se meigas volves propicia
De caricia
Teu nome é fonte de amor
Tudo em ti é castidade,
E virgindade,
E's um anjo encantador.

Só és tu, querida bella,
A donzella
Que eu tenho ardente paixão,

Só por ti trago ferida,
Anjo querido,
O meu triste coração.

Prasa aos céos, joven formosa,
Tão mimosa,
Sejas tu sempre feliz
Que teus dias se augmentem
Continuem
Ledos, risonhos, gentis.

S. Christovão.

Theodolindo Cesar Filho.

A uria menina.

Tu és linda estrella no céu refulgindo
Infiltrando em meu peito chammas de amor,
Mimoso jasmim que vive no prado
Repleto de aroma innocencia e candór.

Tu és lindo sonho que me voa na mente
Em noites compridas de longo sonhar.
Tu és doce aura que brinca com as flôres,
Segredinhos de amor deixando escapar.

Tu és como o sol quando surge brilhando
Com mil raios luzentes que o mundo allumia,
Tu és como a lua que vagando sózinha
Derrama em meu peito amorosa poesia.

Tu és como a rosa encantada e risonha
Que suas folhas desdobra em fresca manhã,
Tu és como os prados de verde trajados
Ou como a natura graciosa e louçã.

Tu és lyrio plantado no meu coração
Vertendo perfumes... perfumes de amor,
Tu és a formosa e modesta violeta
Suas graças cobrindo e um véu de pudor.

Tu és um Anjo do céu por Deos enviado
Como da belleza fiel mensageira,
Tu és o resumo de tudo que é bello
De tudo que crea paixão verdadeira.

Tu és mui galante travessa menina
Que zombando gahastes o meu coração,
Tu és genio do ceo, vivendo na terra
Em todos gerando fervente paixão.

E's tudo quanto Deos na terra formou,
E's estrella do céu fallando de amor,
A Musa querida que sabe inspirar
A lyra amorosa do teu Trovador!

S. Paulo, 8 de Junho de 1858.

Antonio Manoel dos Reis.

Versos chistosos.

de diversos autores, antigos e modernos, que se
cantam em fados ou por distração.

Você diz que nunca viu
O macaco fazer renda;
Eu já vi uma marreca
Ser caixaira d'uma venda.

Rua abaixo rua acima
Sempre de chapéo na mão,
Bompendo meias de seda,
Sapatos de cordavão.

O' minha Sra. Donna
Eu sou seu *caziagnelê*;
Quando trepo n'um coqueiro
Como côco de dandê.

Abaixa-te, ó limoeiro,
Quero colher um limão,
Para tirar uma nodosa
Que trago no coração.

Chega p'ra cá, limoeiro,
Quero dar-te um pontapé:
Quem te disse, limoeiro,
Que o meu amor é José?

Mangueira dai-me uma manga,
Quero dar a meu compadre,
Padrinho da minha filha,
Homem de capacidade.

Cantigas de desafio
Para mim é escusado:
Se as tuas são de patacas
As minhas são de crusado.

MAXIMAS

da collecção do erudito portuguez e conselheiro

J. J. RODRIGUES BASTOS.

— Debaixo da Constituição mais livre, um
povo ignorante é sempre escravo.

Igualdade.

— A igualdade repugna aos homens de
maneira, que o maior empenho de cada um
delles é distinguir-se ou designar-se.

— A igualdade é o bello ideal dos corpos
politicos.

— A unica igualdade possivel entre os ci-
dadãos, é o serem todos sujeitos ás leis; mas
esta igualdade mesma é mas theorica que
pratica.

— A verdadeira igualdade existe no tu-
mulo, e não existe senão lá.

— Um cemiterio é para nós o campo da
ignaldade; mas lá mesmo os vivos proeunram,
ainda que em vão, desigualar os mortos.

— Muitas pessoas amam a igualdade, mas
é subindo: para descer, não ha ninguem que
a deseje.

Illusões.

— O coração é a mais ordinaria origem
das illusões do espirito.

— Em quanto o coração conserva desejos,
o espirito conserva illusões.

— Nós recorremos algumas vezes ás illu-
sões, para nos defendermos de verdades que
nos affligem; como tomámos uma capa, pa-
ra nos defendermos das tempestades.

— Ha illusões mui perigosas para os costu-
mes, ha outras que não são: e como sem al-
gumas, se poderia compôr o drama da vida?

— O momento, em que se perdem as illu-
sões da mocidade, deixa algumas vezes peza-
res; mas outras vezes aborrece o presti-
gio, que nos trouxe enganados. É Armida,
que destroe o palacio em que esteve encan-
tada.

— A decifração da charada do numero
antecedente é *Castalia*.